

**ARQUITETURA TRADICIONAL
NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL**

1.º Congresso Internacional

MÉRTOLA 13, 14 e 15 de MAIO DE 2015

**TRADITIONAL ARCHITECTURE
IN THE WESTERN MEDITERRANEAN**

1st International Conference

MÉRTOLA 13th, 14th and 15th MAY 2015



LIVRO BOOK

ARQUITETURA TRADICIONAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL – 1.º Congresso Internacional

TRADITIONAL ARCHITECTURE IN THE WESTERN MEDITERRANEAN – 1st International Conference book

Editores Editors

Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez e Vítor Ribeiro

Autores Authors

Cláudio Torres, João Guerreiro, Miguel Reimão Costa, Salima Naji, Giancarlo Cataldi, Guillermo Pavón Torrejón, Antonio Miguel Trallero Sanz, Alexandra Gradim, Gerald Grabherr, Barbara Kainrath, Karl Oberhofer, Thomas Schierl, Felix Theichner, Victor Mestre, Maria de Fátima Palma, Susana Gómez Martínez, Virgílio Lopes, Filipe González, Onofrio Veca, Norberto Fialho, Guilherme Leotte Quintino, Maria Fernandes, Margarida Donas Botto, Fernando Varanda, Desidério Batista, Cláudia Gaspar, Marco Barão, Teresa Nóvoa, Nuno Martins, Mafalda Pacheco, João Vieira Caldas, Mustafa Mezughi, Nadya Gabril, Sara Oliveira Almeida, Patrícia Malobbia, Daniela Pereira, Marta Santos, João Pernão, José Aguiar, Vítor Ribeiro, Pablo Sánchez Izquierdo, Ghada Chater, Mounir Dhouib, Youssef Khiara, Victoria Domínguez Ruiz, Eneida Kuchpil, Francisco Javier López Rivera, Filipe Jorge, José Manuel Pedreirinho e Ana Baptista

Revisão do Texto Proof Reading

Cristina Meneses

Design Gráfico Graphic Design

Lígia Pinto

Pré-Impressão Pre-Press

Argumentum

Impressão Printing

SIG – Sociedade Industrial Gráfica

Direção Editorial Publishing Manager

Filipe Jorge

ISBN: 978-972-8479-85-5

Depósito Legal Legal Deposit 392113/15

1.ª Edição: Maio de 2015

1st Edition: May 2015

Nota: Quando não são expressos os créditos das imagens e das fotografias estas pertencem ao(s) autor(es) do texto

Note: When credits of images or photographs are not referred, they belong to the author(s) of the text

Reprodução autorizada desde que seja referenciada a origem e autoria dos textos e imagens.

This book, or any part of it, may be reproduced, once referred the origin and authorship of the texts and images

ARGUMENTUM, Edições

Rua Antero de Figueiredo, 4-C | 1700-041 Lisboa – Portugal

email: geral@argumentum.pt www.argumentum.pt facebook.com/ARGUMENTUM

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Rua Dr. António José de Almeida, n.º 1 | 7750-353 Mértola – Portugal

email: geral@camertola.pt www.camertola.pt

Esta edição conta com o apoio da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, da Direção Regional de Cultura do Algarve e da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

Apoio



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



ALGARVE 21
PROGRAMA OPERACIONAL



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICA
NACIONAL



UNIÃO EUROPEIA
FEDER

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO ALGARVE



MÉRTOLA E O ESPAÇO DOMÉSTICO NO GHARB AL-ANDALUS

Cláudio Torres

Campo Arqueológico de Mértola

geral@camertola.pt

Palavras-chave casa islâmica, família alargada, povoamento rural

1. Espaço urbano

O espaço intramuros da antiga cidade islâmica de Mértola divide-se em duas grandes zonas urbanas: o aglomerado principal, constituído pela Vila Velha, ainda hoje habitada, e um antigo bairro anexo à alcáçova que assentava na plataforma artificial do possível *forum* romano e que foi completamente abandonado e transformado em cemitério depois da Reconquista. Na Vila Velha, as casas atuais, respeitando apenas o antigo traçado urbano, em nada se assemelham, na sua organização interna, às anteriores casas de época islâmica exumadas mesmo ao lado, no bairro da alcáçova, ou em Siyasa perto de Múrcia (Navarro, 1990: 177-198) ou em Valência (Pascual, 1990: 305-318). Mesmo ao nível do solo, todos os indícios arquitetónicos e decorativos apontam claramente para obras de raiz durante os séculos XV e XVI. Os terramotos, sempre incriminados, não foram certamente as causas principais de tão profunda reconstrução.

No bairro da alcáçova, com programa construtivo de época almóada e abandonado durante a primeira metade do século XIII, os primeiros resultados da escavação indicam, ao contrário, tipologias comuns a todo o al-Andalus. É um conjunto urbano com cerca de 4.000 metros quadrados onde estariam implantadas um pouco mais de três dezenas de habitações (Fig. 1). Foram postas a descoberto sete casas, duas das quais estão completas e são perfeitamente legíveis na sua planimetria. Ainda eram habitadas pelo menos uma dezena de anos antes de 1238 quando os Espatários entraram em Mértola.

Apesar de notórias diferenças sociais, nas duas porções deste bairro já conhecidas todos os compartimentos de cada moradia se organizam em volta de um pátio mais ou menos quadrangular. É o tipo de habitação tipicamente urbana e mediterrânica que, na sua geometria espacial e técnicas construtivas, encontramos em todas as cidades do al-Andalus. Em



Fig. 1 - Vista aérea do bairro almóada da alcáçova de Mértola



Fig. 2 - Vista geral da Casa I do bairro almóada da alcáçova de Mértola

Mértola, Almeria ou Málaga nota-se o mesmo tipo de embasamento em alvenaria sobre o qual se levantam paredes de taipa sempre com a espessura aproximada de meio metro. Os tabiques interiores em adobes, as técnicas de rebocadura e a própria decoração policroma assemelham-se nas três cidades. São habitações construídas e habitadas por uma camada social aparentemente homogénea, com interesses comuns e com frequentes contactos entre si. É um modelo de casa veiculado por todo o Mediterrâneo e que, com pequenas variações modulares, se impôs não só pelas suas qualidades intrínsecas, como também pela sua elasticidade funcional.

2. A Casa I da alcáçova

Neste bairro da alcáçova, que à data da conquista da cidade em 1238 ocupava o espaço do antigo *forum* romano e a encosta do castelo, a tipologia do habitat e as técnicas construtivas são bem características da época almóada.

A Casa I, como antes referimos, é uma das duas habitações deste conjunto que, neste momento, garante uma legibilidade completa do ponto de vista planimétrico e para a qual se podem avançar hipóteses de utilização funcional plausíveis (Fig. 2).

A área total desta casa ronda os 70m², com um pátio central que ocupa uma quarta parte da sua área. Tinha-se acesso a esta casa por um pequeno adarve, de piso em terra batida. O local de entrada na casa é assinalado por um fragmento de fuste romano em mármore reutilizado como soleira de porta, hábito que parece ser usual nos locais onde abundam fragmentos arquitectónicos de épocas anteriores. A entrada da casa parece, no entanto, ter merecido outro tipo de atenção para além das preocupações estéticas: a meia-ferradura (ou canelo na linguagem regional) voluntariamente enterrada sob a soleira desta porta remete-nos para o mundo das superstições e da proteção ao lar, prática ainda hoje corrente nesta região.

A porta dava acesso a um pequeno compartimento de entrada (com cerca de 5m²), através do qual se passava ao pátio – esquema semelhante às casas V e VI de Siyasa (Navarro, 1990: 190-191).

No pátio ainda hoje é visível a parte significativa de um pavimento em tijoleira, organizado de forma regular e ligeiramente inclinado em direção a uma espécie de canteiro central onde uma pequena caleira escoava as águas pluviais. A área deste pátio – com cerca de 20m² – é semelhante à de idêntica estrutura das casas II e III da alcáçova de Mértola e tem dimensões também próximas daquelas que se registam noutros sítios arqueológicos peninsulares.

O espaço significativo da casa, ocupado pelo pátio – cerca de uma terça parte –, permite supor o lugar de destaque que este ocupava no complexo habitacional e a sua importância como local privilegiado para executar uma série de trabalhos domésticos e de lazer.

O pátio dava acesso, no lado este, a um salão principal, ao qual se acedia por uma porta mainelada por uma pilastra. Esta divisão seria, pelas suas dimensões (6x2m) e por um maior cuidado na decoração das paredes e no revestimento do solo com argamassa pintada de almagre, a zona nobre da habitação.

Embora fosse uma área plurifuncional, era certamente nela que se recolhiam os donos da casa – a pequena alcova (2x1,5m) colocada no seu topo norte parece não deixar dúvidas a esse respeito. A utilização deste tipo de estruturas parece ter sido comum nas várias habitações do bairro islâmico: temo-las também nas casas II e IV, com soluções decorativas e construtivas idênticas às deste compartimento. Do pátio tinha-se ainda acesso a outra dependência, certamente de funções múltiplas, onde se encontraram duas talhas de grande porte. Uma delas, pelo menos, teria sido utilizada para guardar água fresca devido ao facto da parte inferior do bojo não ser vidrada de forma a manter intacta toda a sua porosidade.

Esta casa dispunha ainda de uma latrina (3,5m²), compartimento cuidadosamente ladrilhado no qual se entrava por uma pequena passagem em cotovelo (Fig. 4). Os despejos eram lançados por uma estreita fenda aberta no pavimento. Ao contrário da latrina da casa V, que dava acesso direto a uma fossa escavada sob o chão batido da rua, esta abertura está ligada a um complexo sistema de canalizações que percorre o subsolo das casas I e II e segue para o exterior da muralha. O seu cano principal cruza na diagonal o pátio da casa I onde recolhia o excesso de águas pluviais do pátio e os resíduos líquidos provenientes de um possível estábulo anexo.

Entra-se finalmente na última porta que do espaço central acede ao compartimento duplo da cozinha, o qual tem cerca de 11,5m². As dimensões apreciáveis deste compartimento não são, certamente, dissociáveis da sua importância no contexto da habitação no seu todo (Fig. 4).

Todos os compartimentos eram cobertos por telhados de uma só água que, na sua maioria, vertiam para o pátio. Todas as paredes exteriores, nas quais se incluem naturalmente as que rodeiam o pátio, têm alvenaria de barro até 70cm do solo. A partir dessa altura, e depois de um ligeiro estreitamento em ressalto, as paredes passam a ser construídas em terra apisoada (taipa) com uma largura uniforme de 50cm, ou seja, o equivalente ao côvado clássico.

As paredes interiores, quando não têm função portante, são construídas em tijolos crus e secos ao sol (adobes) de 15x15x6cm. Ao contrário da taipa, que embora bem apisoada é constituída por terra pouco selecionada, os adobes são fabricados de argila bem depurada.

Todas as paredes de alvenaria, taipa ou adobe eram rebocadas diretamente com um barro mais fino sobre o qual, depois de seco, era aplicado um revestimento de cal e saibro fino. Esta argamassa matricial era muitas vezes golpeada à colher com pequenos sulcos oblíquos de forma a servir de suporte à última película de revestimento com uma espessura de 4mm em média, constituída por cal e gesso. Este estuque macio era pintado com uma aguada vermelha de almagre, segundo motivos retilíneos, ao longo do rodapé.

A família extensa urbana exige constantes adaptações, não só na casa propriamente dita, como principalmente na célula urbana em que está inserida e que vulgarmente é servida por uma pequena rua privada (*darb*) para onde abrem outras habitações que, teoricamente, pertencem ao mesmo clã familiar. Cada casa parte de um conjunto solidário com alguns serviços comuns, como os esgotos e fossas, e com uma área útil entre os 80 e os 200 metros quadrados. Têm capacidade para ser portadoras de subnúcleos familiares de oito a 10 pessoas.

A investigação arqueológica do bairro da alcáçova de Mértola tem permitido constatar que a cozinha é sempre o espaço da casa a fornecer maior quantidade e variedade de artefactos cerâmicos. Em prateleiras escavadas nas grossas paredes de taipa seria guardada toda a louça necessária à elaboração dos alimentos e também os recipientes necessários ao seu consumo.

Quanto ao mobiliário, este diferia profundamente do rural, tanto na quantidade como na qualidade. O aspeto geral da casa é também outro devido ao cuidado com os revestimentos de um solo bem cuidado, ao rés do qual a vida se processa e que, finalmente, é o espelho da mulher. As paredes, interiores e exteriores, são todas caiadas e, por vezes, com alguma decoração pintada nos lambris e rodapés. As cortinas, em tecidos finos e coloridos, separam a sala das alcovas, onde um leito assente em pequenos arcos de alvenaria permite um novo conforto.

3. A casa rural

Ao contrário da casa urbana, acentua-se na casa rural uma certa mobilidade, onde também é mais complexa a polivalência dos espaços e compartimentos. A habitação rural do interior da serra algarvia, como certamente qualquer outro assentamento arcaico do interior meridional, é constituída por vários módulos pluricelulares que, de uma forma geral, tendem a ordenar-se em volta de um espaço grosseiramente retangular, envolvendo-o por dois ou três dos seus lados. A porta de entrada liga diretamente a rua com o pátio-cerca e os compartimentos oblongos que o rodeiam parcialmente abrem para este através de um único vão.



Figs. 3 e 4 - Latrina e cozinha da Casa I do bairro almóada da alcáçova de Mértola

O facto das escavações em curso no povoado abandonado de Alcaria Longa, no termo de Mértola, terem mostrado, em vários compartimentos da mesma casa, restos de lareira comprova a múltipla utilização dos módulos habitacionais (Fig. 5 e 6).

Temos assim, nas zonas de interior ou mais acidentadas e de difícil acesso, uma casa rural extremamente conservadora, pois a sua tipologia parece emergir de tempos pré-romanos, com prolongamentos pertinazes até à atualidade. É uma casa com paralelos no Oriente (Shark) do al-Andalus, nas serras de Toledo e nas zonas de povoamento berbere do Magrebe (Cressier, 1990: 229).



apenas funções decorativas ou simbólicas. No entanto, mesmo nestes últimos povoados aparentemente afastados de qualquer contacto com a cidade há sempre uma percentagem, embora pequena, de artefactos veiculados pelos circuitos comerciais. No caso de Alcaria Longa, as peças importadas são quase exclusivamente as conhecidas tigelas em vidro cor de mel que se encontram nos níveis de época califal e taifas e por todo o território do al-Andalus (Boone, 1992).

Nestes dois tipos de casa camponesa – a periurbana e a serrana – o seu mobiliário, quase exclusivo, é constituído por dezenas de potes e talhas de todos os tamanhos encostados às paredes ou então, os mais pequenos, certamente



Figs. 5 e 6 - Compartimento de uma habitação no povoado islâmico de Alcaria Longa (Mértola)

O povoado abandonado de Alcaria Longa, no concelho de Mértola, é um dos poucos exemplos conhecidos em território português de assentamento de uma comunidade arcaica agro pastoril que deixa de ser habitado comprovadamente na segunda metade do séc. XI. Neste tipo de comunidade familiar, fortemente patrilinear e certamente com hábitos endogâmicos, a mulher, além do controlo estrito sobre a casa, local tradicional de exercício do seu poder, interfere também de certa forma no espaço público exterior. Além de partilhadas ou mesmo exclusivas responsabilidades agrícolas nas pequenas hortas e cultivos familiares, assume sazonalmente um papel de maior relevo durante os meses de transumância em que os homens partem com o gado. É uma mulher habituada aos trabalhos mais rudes e que, quando viúva, assume plenamente a direção da casa. Esta habitação, com as suas múltiplas dependências à volta do cercado, é uma pequena mas poderosa máquina de produção que contribui de forma considerável para a economia familiar.

O outro subgrupo do modelo rural será representado por uma família, talvez mais pequena que a anterior e que se dedica exclusivamente ao amanho da terra em zonas periféricas da cidade. Habita em pequenos povoados de meia dúzia de casas instaladas a maior parte das vezes sobre as ruínas de uma antiga *villa* romana, facto aliás muito comum no Alentejo e no barrocal algarvio. As boas terras de cultivo que rodeiam o povoado e que justificaram a implantação da antiga *villa* pertencem, certamente, a algum rico e abastado comerciante que vive na cidade e que manteria os homens do aldeamento como seus assalariados. A sistemática e apressada busca dos níveis arqueológicos de época romana fez com que este tipo de assentamento rural seja hoje ainda quase desconhecido. Sabe-se da sua existência pelo facto de quase todas as *villae* romanas escavadas apresentarem os seus pavimentos perfurados de silos para armazenamento de cereais, ou fossas de esgoto, sempre associados a restos materiais de época islâmica.

A proximidade dos mercados urbanos nota-se principalmente numa maior variedade de artefactos, se a compararmos com a extrema austeridade e autossuficiência da casa serrana onde é comum que as poucas moedas exumadas tenham tido

pendurados dos barrotes do telhado ou de vários paus que saem das paredes, aproveitando os orifícios deixados pelas agulhas dos taipais. Lá eram conservadas as gorduras e manteigas, fora do alcance dos roedores, assim como o figo, a ameixa e a uva passa. Em potes maiores, guardavam-se a azeitona, o grão-de-bico, a fava e vários tipos de farinha.

Em grandes talhas era armazenado o azeite, o vinagre, o mel e principalmente a água, mantida fresca nas peças mais decoradas expostas em lugar de destaque. No chão da cozinha, de terra batida, apenas haveria espaço para uma pequena molineta, para um ou dois alguidares e naturalmente para a lareira. O fogo ardia sobre alguns tijolos em assentamento irregular ou numa pequena fossa argamassada, também utilizada para cozer o pão-de-cinza muito consumido, mesmo na cidade, pelas camadas mais pobres (García Sánchez, 1981: 150).

É pouco provável no mundo rural, e excepcional na cidade, a existência de qualquer móvel de madeira, seja armário, mesa ou cadeira. Todos os objetos de trabalho estão pousados no chão onde são manipulados pelas mulheres sentadas sobre os calcanhares ou em simples esteiras de palmito. Há por vezes banquetas ou poiais de alvenaria, embora sejam mais comuns no pátio e mesmo no exterior da casa, junto da porta de entrada.

Para dormir, embora seja de admitir alguma mobilidade, que incluía certamente o pátio como local preferido de verão, na casa urbana e periurbana, haveria alguns locais fixos nos topos dos compartimentos oblongos. Sem qualquer indício arqueológico no caso de Alcaria Longa, é provável que na casa serrana uma pele de carneiro ou uma manta de lã azeitada, como era até há pouco tradição, marcasse o local da alcova.

Podemos concluir que o sistema habitacional do Gharb al-Andalus pode ser ordenado em dois grandes grupos que, direta ou indiretamente, se relacionam ora com o mundo urbano ora com o mundo rural. Se este último, dado o seu natural conservadorismo, pode ser confrontado com estruturas habitacionais ainda hoje existentes em algumas áreas serranas do Sul de Portugal, a antiga casa urbana de tradição mediterrânica parece ter desaparecido das nossas cidades,

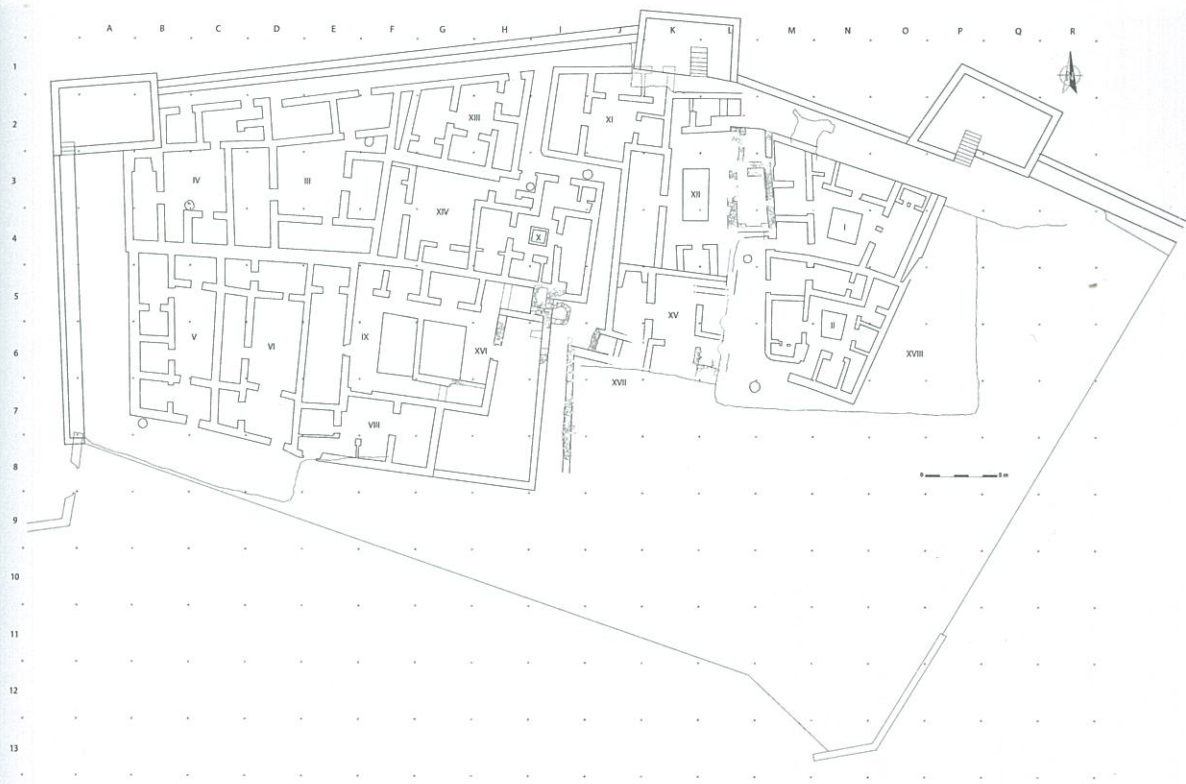


Fig. 7 - Planta da alcáçova de Mértola

pele menos na sua forma condensada de pátio central. A quase completa mutação populacional provocada pela Reconquista nos centros históricos das cidades trouxe, com certeza, pesadas consequências estruturais às formas de habitar.

A introdução generalizada de uma família nuclear desenhada das suas comunidades de origem não deve ser alheia à reutilização e completa remodelação de espaços onde antes habitavam famílias de estrutura alargada de forte pendó clânico e certamente de pesadas sobrevivências endogâmicas. As obras de adaptação urbana, introduzidas pelos conquistadores, quebraram naturalmente antigas funcionalidades que lhes eram desconhecidas e criaram uma outra dinâmica no relacionamento entre o público e o privado nos acessos às casas e às ruas.

Bibliografia

- BOONE, J. (1992). The first two seasons of excavation at Alcaria Longa: a caliph-taifal period rural settlement in the Lower Alentejo of Portugal. In *Arqueologia Medieval*, 1, pp. 51-64. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento,
- CRESSIER, P. *et al.* (1990). Quelques données sur la maison rurale nasride et morisque en Andalousie Orientale: le cas de Shanash/Senes et celui de Macael Viejo (Almeria). In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 229-245. Granada: Patronato de la Alhambra.
- GARCÍA SÁNCHEZ, E. (1981). La alimentación en la Andalucía islámica. Estudio histórico y bromatológico. In *Andalucía Islámica*, II-III (1981-1982), pp. 139-177. Granada.
- NAVARRO PALAZON, J. (1990). La casa andalusí en Siyasa: ensayo para una clasificación tipológica. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 177-198. Granada: Patronato de la Alhambra.
- PASCUAL, J. *et al.* (1990). La vivienda islámica en la ciudad de Valencia. Una aproximación de conjunto. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 305-318. Granada: Patronato de la Alhambra.